

CORPO-LEITOR: APONTAMENTOS PARA O ATO DE LER NA ESCOLA

Cristyane Batista Leal¹

Poeta: Eu sou o meu corpo.

Hilda Hilst

Resumo

Considerando a leitura silenciosa como técnica desenvolvida ao longo do tempo (SOLOMON, 2010), da noção de corpo de Antonin Artaud (1896-1948) e de leitura performática de Paul Zumthor (1915-1995), reafirmamos que o corpo é fundamental o ato da leitura literária, pois esta é realizada por um sujeito concreto concebido em um corpo para além de biológico, mas afetivo e em potencial vibração ativa com as palavras. Embora já existam muitas práticas corporais nas leituras escolarizadas, propomos, em caráter introdutório, associá-las a uma metodologia mais intrínseca ao ato de ler. O retorno atualizado das relações com o corpo soam, nos estudos de Zumthor, como uma característica dessa civilização que expressa cansaço aos tecnicismos da era pós-industrial. Reconhecer a diversidade de leitoras/es e leituras significa levar em conta um paradigma de revisão geopolítica do conhecimento e de uma pedagogia decolonial antirracista e intercultural.

Palavras-chave: Leitor; leitura; performance; corpo.

Abstract

Considering a silent reading as a technique developed over time (SOLOMON, 2010), from Antonin Artaud's (1896-1948) notion of body and from Paul Zumthor's performance (1915-1995), we reaffirm that the body is fundamental to the act of literary reading, because it is performed by a concrete subject conceived in a body that is not only biological, but affective and in potential active vibration with words. Although there are already many bodily practices in school readings, we propose, on an introductory basis, to associate them with a more intrinsic methodology to the act of reading. The updated return of relations with the body sounds, in Zumthor's studies, as a characteristic of this civilization that expresses tiredness to the technicisms of the post-industrial era. Recognizing the diversity of readers means taking into account a paradigm of geopolitical revision of knowledge and an anti-racist and intercultural decolonial pedagogy.

Keywords: reader; Reading; performance; body.

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: cristyaneimagem@gmail.com.

Introdução

A formação de leitor é um dos grandes desafios enfrentados pela escola. Muitos profissionais entre pesquisadoras/es, professoras/es, biblioteconomistas, historiadoras/es, sociólogas/os têm se debruçado em debates necessariamente numerosos e complexos que envolvem mediação, acesso, impacto, hábitos de leitura entre outras questões. Trata-se de um problema nacional ainda longe de ser superado.

O Instituto Pró-livro, um dos órgãos que acompanha a evolução da leitura no Brasil, divulga a cada quatro anos pesquisa que avalia o comportamento do leitor brasileiro e as condições de leitura e acesso ao livro. Na última análise, a ONG detectou aumento de consumo de livros religiosos, correspondendo a 42% dos leitores, enquanto de 22% da procura é por livros literários. Um novo panorama está previsto para ser divulgado no ano de 2020 o que ainda não ocorreu até a escrita deste texto.

Em 2019, a Folha de São Paulo divulgou a referida pesquisa, trazendo depoimentos do professor de literatura brasileira João Ceccantini e da atriz Roberta Estrela D'Alva. Ceccantini argumenta que os jovens leem muito, mas essa leitura vai diminuindo a partir do Ensino Fundamental II, etapa em que a literatura se torna mais teórica e distante dos interesses das/os alunas/os.

Roberta Estrela D'Alva, pioneira do Slam no Brasil, uma modalidade artística baseada em batalhas de poesia falada, comenta: “Talvez não se tenha na escola esse encontro entre a pessoa e a literatura” (SOMBINI, 2019). O encontro a que ela se refere se relaciona ao contato efetivo entre os leitores e o texto lido.

Nas séries iniciais, há um empenho sistemático das/os agentes escolares para a iniciação à leitura, envolvendo a presença físico-afetiva da/o professor(a)-mediador(a) em contações de história e dramatizações. Entretanto, nas séries posteriores, a literatura vai se tornando mais teórica, silenciosa e solitária, em direção a uma certa busca de autonomia da/o aluna/o. O corpo, antes magicamente presente na leitura, reduz-se gradativamente ao movimento dos olhos sobre as páginas.

Unindo-nos ao debate sobre o leitor literário na escola, propomos algumas reflexões sobre o ato de leitura, partindo de uma concepção performativa que leva em consideração a presença do corpo nessa atividade. Para essa reflexão, percorreremos o ensaio do crítico literário George Steiner que, analisando a tela de *Le philosophe lisent*, pintado no século XVI por Pierre Chardin, delineia uma aspiração de leitor extinto no mundo contemporâneo. Observamos que esse tipo de leitor, tecnicamente criado entre os séculos XVI e XVIII é aquele almejado pela escola. Entendemos ser esse um modelo de leitor silencioso, fruto de séculos de adestramento do corpo em relação ao ato de ler.

Partindo da leitura silenciosa como técnica desenvolvida ao longo do tempo (SOLOMON, 2010), da noção de corpo de Antonin Artaud (1896-1948) e de leitura performática de Paul Zumthor (1915-1995), reafirmamos que o corpo é fundamental o ato da leitura literária, pois esta é realizada por um sujeito concreto concebido em um corpo para além de biológico, mas afetivo e em potencial vibração ativa com as palavras. Embora já existam muitas práticas corporais nas leituras escolarizadas, propomos, em caráter introdutório, associá-las a uma metodologia mais intrínseca ao ato de ler.

O leitor em silêncio

Em seu ensaio “O leitor incomum”, George Steiner (2018), descrevendo uma visão clássica do ato da leitura, analisa a tela *Le Philosophe lisant*, do artista francês Jean-Baptiste-Simeon Chardin (1699-1779), para pensar valores contemporâneos de leitura que devem ser preservados. Na tela de Chardin, Steiner destaca a elegância e a solenidade do leitor debruçado sobre seu livro. O crítico observa que a leitura ali pintada é não uma ação casual e impremeditada, mas um encontro cordial, cortês e nobre com uma visita importante. O uso do chapéu e da capa é para um momento do intelecto, da apreensão tensa do significado que se dá pela mente.

Ao analisar a ampulheta, Steiner destaca a finitude do leitor que esvai enquanto o livro permanece, lembrando o duro desejo de existir de Paul Éluard e o desespero de Flaubert que perdera a batalha para sua prostituta nascida das palavras, a leitora Ema Bovary. Em seguida, o autor de *Nenhuma paixão desperdiçada* pincela uma espécie de estatuto de leitor autêntico, forjado no fascínio e na angústia dos livros não lidos que permanecerão no mundo por séculos, ao contrário do leitor que não durará muito. Há em seu discurso afirmações da leitura bem feita, na verdadeira leitura, leitura autêntica, como em um manual peremptório sobre como ler.

Steiner ressalta a posição iluminada da pena ao lado do livro, simbolizando o diálogo, a interação, o intercurso, a reação e a reciprocidade como uma boa leitura, que é também se permitir ler. Várias ebulições humanas decorrentes da leitura, reconhecidas no ensaio, são representadas em corpo estático. Ele lamenta a decadência dos modos e valores clássicos, embora reconhecesse que o encontro mais intenso e penetrante do texto é substituível pela presença em face à experiência mediada pela representação verbal.

Essa perspectiva que marcou o modo de ler nos séculos XVI, XVII e XVIII configura-se como um modelo europeu de leitura aspirado como a única e autêntica forma de acesso a conhecimentos ou de forma de ler. Steiner finaliza o ensaio propondo uma escola de leitura criativa que incentiva a leitura à busca de um novo caminho, sob a ameaça de perder para sempre a luz e a serenidade da tela de Chardin. Porém, essa proposta atende a uma concepção de cultura em que a escrita seja dominante, desconsiderando tanto uma pluralidade de relações com ela quanto a possibilidade de investigação de novos paradigmas de leitura.

Esse “leitor incomum” é o modelo de leitor vislumbrado pela escola nos anos intermediários e finais da Educação Básica. Nas séries iniciais, a mediação do livro é consideravelmente performática: há um estímulo do corpo por meio da contação de histórias, da leitura em voz alta - seja para a turmas de Educação Infantil - seja no reconto do livro levado para casa, ou ainda nas dramatizações das semanas de leitura ou de final de ano. Nos anos posteriores, a autonomia de leitura é medida, entre outros critérios, pela autonomia de a/o aluna/o ir à biblioteca ou consumir livros e seguir lendo silenciosamente os vários títulos da semana.

A leitura de vários títulos contribui seriamente para a formação dessa rotina diária com os livros. Não fazemos aqui uma negação desse leitor silencioso, sendo possível, ainda que cada vez mais raro, em ambiente escolar. Entretanto, tomá-lo como exclusivo modelo de apropriação de um livro significa excluir uma maioria de potenciais leitores cuja relação com o livro pode autenticamente ocorrer sob parâmetros diferentes.

O desinteresse e/ou a resistência de jovens pela leitura podem também ser pensados, além de hábitos não desenvolvidos ou mediações lacunares, a partir de circunstâncias históricas, como a cisão cultural que envolve a palavra escrita e o corpo desenvolvida ao longo dos séculos. Crianças e jovens são naturalmente pulsantes de corpo, com uma energia vital estampada por onde passam. Mesmo os adolescentes acometidos pelo sono nessa idade são visivelmente ativos em suas atividades além da escola. O corpo é constantemente convocado por crianças e jovens que ainda (e por pouco tempo) se colocam resistentes às instituições modeladoras e vigilantes.

O modelo de leitor naturalizado ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e também XIX, certamente branco, europeu e patriarcal, que não incluía população negra, proletária e pessoas com deficiência soa abstrato à escola contemporânea multicultural. A queixa de docentes quanto às dificuldades de leitura e escrita tanto nas fases basilares básica quanto na universidade pode estar ignorando o detalhe não menos importante da tensão com a predominância de cultura escrita. Considerar a diversidade de leitoras/es e leituras significa levar em conta um paradigma de revisão geopolítica do conhecimento e de uma pedagogia decolonial antirracista e intercultural (OLIVEIRA; CANDAU, 2010) ignorados pela leitura silenciosa.

Concepções de corpo

A epígrafe do início do texto se refere a um diálogo entre os personagens do drama *As aves da noite*, escrito em 1968 pela poeta e dramaturga Hilda Hilst (1930-2004). Na cela da fome, em Auschwitz, um estudante, o padre Maximilian Coube, um joalheiro e um poeta procuram conceituar o corpo, chamado pelo

padre de “envoltório da vontade” (2008, p. 256). Em uma circunstância extrema, o poeta se vê em algo além de mera carne, uma “organização esplêndida” e que por constituição própria anseia outro corpo. Antes de sua morte, o poeta tenta acreditar que a palavra um dia se transforme em matéria para que tudo o que ela disser seja imagem viva diante dos olhos, obrigando as gerações futuras a se lembrarem dos que ali padeceram. Sugerimos que os resultados dessa memória estariam em torno de impedimentos de novas barbáries e descobririam na experiência com a palavra viva uma relação mais afetiva com o mundo.

A autora se dedicou à escrita dramaturgica entre 1967 e 1969 movida uma necessidade urgente de comunicação. Para ela, só a poesia não bastava, pois as edições demorariam a chegar a um público maior² e, portanto, seria necessária a confirmação de um corpo outro além da página em branco e a conversão de leitor em espectador, em uma experiência vívida de leitura, em um encontro espacial com a palavra. A urgência de acesso à sua poesia, embora se somasse a sua conhecida angústia por ser lida, confiava ao teatro sua plena realização naquela época.

Vale ressaltar que não se trata de negar a potência transformadora da poesia como linguagem verbal lida em livro, mas de valorizar outros caminhos para sua realização. Comumente, o acesso à literatura ou a essa poesia se dá pelo livro como suporte, mediante um ritual de conexão entre a música das palavras e o olho que as lê. Ocorre que essa circunstância, a princípio estática de conexão com as palavras, liga-se a um todo físico-psíquico-emocional atravessado social e discursivamente: um sujeito concreto de possibilidades

² Correio Popular (1969, p.10). Arquivo CEDAE-UNICAMP.

sensoriais infinitas, que se configura em um outro corpo, não um abstrato receptor, como naturalmente se concebe, mas a um corpo vivo. As revoluções subjetivas e sociais que a literatura é capaz de promover, tão preciosas à formação do leitor literário e mais amplamente à educação, dão-se de fato nesse complexo orgânico-afetivo, o autêntico “significante da condensação das subjetividades do indivíduo” (HALL, 2000, p. 121).

Para uma conceituação do corpo, tomamos como referência as postulações sobre o corpo de Antonin Artaud, um dos primeiros do século XX a denunciar o cerceamento de corpos pelo modelo europeu de civilização. A relação entre corpo e linguagem verbal para além de uma mediação e uma correspondência representativa foi intensamente explorada por Artaud, que não concebia cultura dissociada da vida. Em *O teatro e seu duplo* (1999, p. 1) defendeu que a existência da cultura não salvou a humanidade de ter fome e da preocupação de viver melhor, mas que havia a urgência de extrair da cultura uma força viva idêntica à da fome. Artaud entendia a vida como centro frágil e turbulento que não é alcançado pelas formas, propondo deslimites entre corpo e linguagem e substituindo a poesia da linguagem pela poesia no espaço.

No referido manifesto, o poeta e teatrólogo traça uma definição de teatro e propõe sua libertação da exclusividade da palavra, uma vez que, até então, toda a montagem cênica se constituía em torno de um texto teatral escrito. Para esse intento, delineou o “Teatro da Crueldade”, por meio do qual a poesia “reaparece de repente, pelo lado mau das coisas; nunca se viram tantos crimes cuja gratuita estranheza só se explica por nossa impotência para possuir a vida” (ARTAUD, 1999, p. 3). Artaud não defendia o sentido de crueldade como um atentado sanguinário, mas como uma revolução visceral de sentidos estimulada

por reações primitivas, resultando em autêntica experiência vital, em revelação de um ser humano integral, rasgando o corpo dos achatamentos diários. Vida e cultura, corpo e linguagem estão entre as várias dicotomias dissolvidas por Artaud até suas últimas cartas.

Ana Kiffer (200, p. 36), reforça que a obra de Artaud nos leva a rever os limites da experiência subjetiva e da experiência política, ocupados de maneira estável e dicotômica, porém instável e irreversivelmente condensados na experiência de vida artaudiana. Sobre essa concepção de existência, em sua carta a André Breton, em março de 1947, em resposta às críticas da conferência proferida no teatro parisiense Vieux-Colombier, Artaud rebate ao poeta surrealista:

O corpo humano tem suficiente sóis, planetas, rios, vulcões, mares e marés para não precisar ir buscá-los na suposta natureza exterior e do outro. [...]E [há] nesse ponto uma revolução ainda a ser feita com a condição de que o homem não se pense revolucionário somente no plano social, mas que ele acredite que deve sê-lo sobretudo, no plano físico, fisiológico, anatômico, funcional, circulatório, respiratório, dinâmico, atômico e elétrico. (ARTAUD, 2017, Posição 1352)³

A referência à natureza exterior não é uma negação individualista de um ser dissociado do mundo, mas sugere uma constituição humana para além de padrões anatômicos, cujo limite com a natureza seria ilusório ou em última análise, translúcido. Embora defendesse a infinitude de possibilidades do corpo, não se tratava de simples desorganização ou deixá-lo recriar-se a esmo. As operações sociais dissolvidas nessa existência constituiriam a estabilidade necessária para a própria fruição das sensações.

³ A versão em e-book do livro não apresenta número de páginas, portanto optamos por inserir a posição indicada pela mídia de leitura.

Em sua última aparição em público, na conferência intitulada “Tête a Tête”, em 1947, resgatada por Cassiano Quilici (2017), Artaud encerra uma noção do corpo em que reafirma mais uma vez a superação da imagem biológica:

O corpo é uma multidão excitada, uma espécie de caixa de fundo falso que nunca mais acaba de revelar o que tem dentro
E tem dentro toda a realidade (ARTAUD apud QUILICI, 2017, p. 195)

A multidão desse corpo pressupões suas várias e singulares manifestações, potencialmente em um estado dinâmico e infinito de possibilidades de sensações. São potenciais, porque Artaud também denuncia os estados automáticos e naturalizados das vivências institucionalizadas de poder, vigilância e amarras. De acordo com Quilici, esse corpo seria paradoxalmente um “invólucro de um espaço infinito” (p. 196). Dizer que é paradoxal essa forma de vida artaudiana já é um flagrante de um modelo vida imediatamente sedimentado e inerte, pois expõe um espectro de dualidade extraída de uma simetria e uma organização também biológica.

Enquanto criava uma forma radical e visceral de experiência de vida, Artaud anunciava, nos anos trinta e quarenta, a posterior desconstrução de uma forma cultural eurocêntrica. Os destronamentos do pensamento iluminista que se levantariam a partir dos anos 60, com o pós-estruturalismo, por exemplo, são resultados diretos ou indiretos da revolução pretendida pelos deslimites da existência e da linguagem. Embora conservem pressupostos substanciais distintivos, possuem em comum a afirmação da diversidade, da diferença, da instabilidade e da reconfiguração constantes talvez não realizáveis como na prerrogativa visceral de Artaud, mas no mínimo inspirados nela. Para Quilici, o

“corpo sem órgãos” artaudiano, aponta para um processo de descolonização e desautomatização do corpo.

O entrelaçamento singular de Artaud entre poesia, linguagem e pensamento por meio do corpo abre possibilidades para um outro tipo de leitor, descentralizando-se e renovando aquela trajetória mental, psicológica e solitária de leitura. Se temos a produção e expressão da vida-arte que se condensa e se significa no corpo, conseqüentemente a recepção dessa expressão se dissipa se for passivamente e mental. Se a vida e a cultura não se encontram alojadas em posições binárias ou dicotômicas, o leitor é, de maneira infinitamente plural, atravessado pelo movimento total dessa expressão.

A leitura como performance

A cultura da leitura por séculos se edificou sob um corpo tecnicamente preso, ou como descreve o professor Marlon Salomon (2010), por meio de um processo de adestramento do corpo. Em seu ensaio “É a leitura uma técnica do corpo?” Salomon pensa, na esteira de Roger Chartier, a história da leitura como história do corpo e relembra os estudos da nova história cultural voltada para as circunstâncias concretas do ato de ler. Isso significa considerar formas concretas de leitura, do leitor concreto, incluindo nesse processo a aluna negra da escola pública de uma cidade interiorana de um país da América Latina, por exemplo. O autor lembra que a leitura silenciosa ocidental foi criada no mundo medieval, pois na antiguidade, a escrita era assimilada à fala, sendo a palavra grafada proveniente da cultura oral e não existindo, portanto, um texto silencioso. Em diálogo com Svembro, Marlon conclui:

É existência deste espaço entre a voz e o texto que torna a leitura um ato técnico. [...] É a presença virtual do corpo no texto que aqui a torna um ato técnico. [...] Se a escrita desdobra o corpo externamente, a leitura dobra o texto no próprio corpo. O espaço constituído neste desdobramento e nesta dobradura ou ato de desdobramento e de dobradura são eminentemente técnicos. Se a leitura é uma técnica do corpo, é o próprio corpo que a inventa e é no próprio corpo que ela é produzida. (p. 164)

O teatro, na antiguidade, nesse sentido, inaugurava uma nova prática de leitura. Em analogia com o espetáculo cênico, Svembro – relata Marlon – concebe o leitor silencioso como sendo o público que não intervém no palco, que apenas observa e escuta; ele não lê o texto que ouve, pois os atores o fazem de memória, funcionando como espelho vocal. Aqui vale ponderar que a analogia é incompleta, uma vez que historicamente, no teatro helênico, havia intensa participação do público, com batidas de pés, reações, ovacionadas e choros⁴. O público silencioso e passivo será comum nos teatros naturalistas do século XIX. A leitura silenciosa no mundo medieval de Roger Chartier parte, segundo Marlon, dos erros de leitura e de cópia dos textos da escrita contínua sem espaços, correntes na época, convocando a partir daí os olhos que precisariam desfazer o equívoco. A separação das palavras por espaços, ocorridas no século VI, possibilitou a autonomização da escrita em relação da fala e a leitura individual, exigindo da visão uma nova capacidade técnica.

Paul Zumthor recorda que, na medieval *devotio moderna*, os cristãos dessa seita procuravam instaurar diálogo direto, sem mediação do corpo entre o crente e a palavra de Deus. Nesse contexto, instaura-se, portanto, o

⁴ Ver Berthold, Margot. **História Mundial do Teatro**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.

cerceamento do corpo-leitor em busca de uma espiritualidade que corporalmente permitia apenas o movimento dos olhos, silenciando lábios, tornando surdos os ouvidos e enrijecendo o corpo. Segundo Marlon (2010), a invenção da leitura silenciosa está relacionada à história do adestramento do corpo.

Zumthor em seus estudos sobre oralidade e literatura, concebe a recepção ou a leitura como um ato ou uma *performance*, chegando também à analogia com o teatro, mas de modo diferente. O modelo teatral atual representa toda a poesia, dentro de uma complexidade cultural que essa prática exala. Ao contrário da analogia de silêncio a que Svembro faz em relação exclusiva ao teatro da antiguidade, para Zumthor, assistir a uma representação teatral em qualquer circunstância é emblemática do ato de leitura. Nessa concepção, Zumthor afirma que toda a literatura é fundamentalmente teatro.

Eliminando da figura do leitor a imagem de destinatário abstrato, Zumthor se interroga sobre o papel do corpo na leitura e na percepção do literário. Para o pesquisador, o corpo é o peso sentido na experiência com o texto, materializando a realidade vivida e determinando a relação com o mundo. A percepção poética, porque ligada ao prazer e ao desejo, do texto, segundo o autor, é possível por causa do corpo. Por isso, Zumthor concebe a performance como único modo vivo ou aquele mais eficaz de comunicação poética e o estatuto poético ou literário desse texto é dependente das necessidades de sentimento do corpo. O autor de *Performance, recepção e leitura* (2018) entende performance como a presença concreta de participantes em ato de comunicação, o que o leva a aplicá-la como momento da recepção em circunstância psíquica privilegiada. Então, ele conclui que todo texto poético é

performativo porque se percebe no corpo sua materialidade, o peso das palavras e suas reações nos centros nervosos. A leitura, para ele é

Apreensão de uma performance ausente-presente; uma tomada da linguagem falando-se (e não apenas se liberando sob a forma de traços negros no papel). A leitura é a percepção, em uma situação transitória e única, da expressão e da elocução juntas. (2018, posição 533)

A leitura se dá, portanto, como um acontecimento vivo, orgânico, humanamente sedutor e intensamente experimentado quando performático.

Esse olhar performativo sobre a leitura, além de uma perspectiva, é um sintoma contemporâneo de retorno ao corpo. Consiste em resistência ao sufocamento da era pós-industrial, tecnológica e consumista. Zumthor aponta o limiar de uma nova era de oralidade para o retorno de um ser concreto: “A performance é ato de presença no mundo e em si mesma” (posição 655).

Todas essas possibilidades de explosão de sentidos provocados pela poesia no corpo são muitas vezes desperdiçadas nos atos de leitura na escola. Aquela leitura em voz alta, tão comum nas séries iniciais é abandonada aos poucos ao longo das séries intermediárias. Os corpos de docentes e discentes são apagados em sala, não restando lugar a sentimentos e paixões, tão caros, por exemplo, à literatura. As questões humanas que interessam ao ensino de literatura se revestem de abstração historiográfica, cuja instrumentalidade destinada à(o) mediador(a), torna-se o centro das práticas leitoras. Todorov (2012, p. 41) chama a atenção para essa prática comum, em que a aula de literatura se converte em aula de historiografia literária. Ele reflete sobre centralização do texto literário em detrimento de noções teórico-críticas mais adequadas à graduação em nível superior. A ênfase na historiografia é um dos motivos que impede o encontro da pessoa com a literatura, como comentou

Roberta D’Alva, além de ser indiretamente uma sobreposição institucional sobre um objeto tão livre e intensamente conectado às sensações humanas.

Em “Eros, Erotismo e Processo Pedagógico” (2019) bell hooks reivindica a presença do corpo na sala de aula. O dualismo cartesiano de cisão entre mente e corpo, em que o processo de ensino se formou, é naturalizado pelas metodologias de ensino e práticas em sala de aula. Hooks destaca que olhar para o corpo em sala significa atentar contra séculos de repressão e negação. Ela defende o lugar do Eros e do erotismo, ampliando seu significado sexual para uma força motriz impulsionadora de todas as formas de vida, a partir de um estado de potência para existência real. (p. 257).

O corpo e a oralidade estão nas raízes das expressões culturais brasileiras populares orais como no repente, nos cordéis, versos de rodeio, nos causos, nos *raps*, nas rodas cantadas de capoeira, entre muitas outras expressões, dentro de um cenário dinâmico e híbrido bastante diferente do leitor imóvel de Chardin. Considerar mais sistematicamente e menos eventualmente a performance na leitura pode ser um caminho para uma formação eficaz tanto para leitoras/es na escola quanto para sua formação humana geral, pois significa libertar o corpo cabisbaixo do espaço vigiado e da carteira enfileirada e levar em consideração a cultura desse corpo que lê.

Teatro, recitais, jograis, jogos variados já compõem muitas das práticas com a leitura na sala de aula. São dispostas para apresentações para a comunidade, metodologia de engajamento de leitura, porém a leitura performática é vista como caminho para uma única maneira de leitura autêntica, a silenciosa. O que procuramos refletir é a leitura com o corpo sendo considerada como uma das formas sistematicamente integrantes do ato de ler, compreendida

como processo de *desadestramento* coerente à própria literatura, desnaturalizando a leitura silenciosa e frequentemente refutada por alunas e alunos na escola. Esse processo será alvo de nossas pesquisas futuras.

Considerações Finais

Não pretendemos defender o corpo e sua presença na leitura literária como fórmula para processos de leitura, até porque as próprias concepções que envolvem o corpo não conseguem inseri-lo tão imediatamente em modelos fixos. Mas ignorar o corpo como componente natural da relação com questões fundamentais da existência refratadas pela literatura ou pela poesia significa, no mínimo, negligenciar o leitor em seu estado concreto e mais potente.

Consideramos que contribuir para formar um leitor autônomo como sinônimo de leitor silencioso também é estar a serviço de uma experiência autêntica, assim como a leitura e a análise apaixonada de George Steiner é referência para uma configuração específica de leitor, porém não exclusiva. O retorno atualizado das relações com o corpo soam, nos estudos de Zumthor, como uma característica dessa civilização que expressa cansaço aos tecnicismos da era pós-industrial.

Artaud denunciava os violadores da existência plena representados pelas instituições controladoras e vigilantes, propondo, desde antes, novas configurações de vida. As revoluções pretendidas por ele se concentravam na constituição de um corpo afetivo, dinâmico e plural que atravessam o sujeito em todas as suas dimensões: emocionais, físicas, naturais, psíquicas, atômicas e as que forem sendo criadas ou descobertas ao longo das experiências variadas e singulares, revolucionárias e plenas.

Referências

KIFFER, Ana (org). **A perda de si: cartas de Antonin Artaud**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

_____. **Antonin Artaud**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e processo pedagógico. In **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Wmf, 2019. P. 253-264.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100002. Acesso em 11 jul. 2020.

SALOMON, Marlon. “É a Leitura uma Técnica do Corpo?” **História Revista**, V. 15 n. 1 2010. <https://doi.org/10.5216/hr.v15i1.10826>. Acesso em 10 jul.2020.

SOMBINI, Eduardo. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. **Folha de São Paulo**. 2019. 07.out. 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso em 11 de julho de 2020.

STEINER, George. Nenhuma paixão desperdiçada. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suel Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.